

6

A ABORDAGEM ETNOGRÁFICA DO USO DE DROGAS

EDWARD MacRAE

Introdução

A disseminação da AIDS entre os usuários de drogas injetáveis e a importância que tem essa população no processo de propagação da síndrome vêm incentivando um maior interesse por estudos sobre a questão da droga. Atualmente, no Brasil, sabe-se pouco sobre esses indivíduos e suas práticas tornando quase impossível a elaboração de programas de prevenção à AIDS entre eles. Perante as complexidades da questão, os métodos costumeiros da ciência médica e epidemiológica, fortemente voltados para a quantificação de seus resultados, não se têm mostrado suficientes. Torna-se cada vez mais evidente a necessidade de recorrer a pesquisas de natureza qualitativa e etnográfica para conseguir melhor compreensão da situação.

As razões para isso são várias. Em primeiro lugar, por se tratar de uma população oculta e estigmatizada, desconhece-se seu tamanho, distribuição geográfica, perfil etc. Tudo isso torna muito difícil a seleção de uma amostra que preencha os critérios usuais de representatividade estatística utilizados nas pesquisas quantitativas. Além disso, em se tratando de práticas altamente estigmatizadas, as respostas obtidas pela simples aplicação de questionários são de duvidosa confiabilidade.

Além desse fato, a utilização de substâncias psicoativas, sejam elas legais ou ilegais, é uma prática altamente complexa, carregada de conotações sócio-culturais que indubitavelmente exercem importante influência nas motivações do usuário e na maneira como

as realiza. Tais complexidades e significados sócio-culturais somente podem ser devidamente avaliados através de uma inserção mais direta e prolongada no campo a ser pesquisado.

Outro ponto a se considerar é que o estudo do uso de drogas é, geralmente, realizado com a finalidade de embasar ou avaliar políticas públicas visando a diminuição dos problemas sanitários relacionados a essas práticas. Para tanto não bastam os gráficos ou os dados brutos como costumeiramente apresentados por pesquisas quantitativas, tornando-se também necessárias descrições densas de padrões e circunstâncias de uso, o estudo detalhado de práticas de risco, a busca de novas variáveis importantes que possam ter passado despercebidas, e a contextualização desse uso em relação ao estilo de vida do usuário e suas relações sociais, ou seja, os significados atribuídos a ele.

Diferentemente do que acontece com pesquisas quantitativas, na etnografia existe uma menor distância entre o levantamento de dados e sua análise. Conforme novos dados vão sendo apurados, novas hipóteses podem surgir e novas questões vão se apresentando. Assim, os assuntos abordados na conclusão do estudo podem ser bastante diferentes dos inicialmente concebidos como importantes. Essa característica torna o método especialmente adequado a estudos sobre usuários de drogas, sobre os quais se dispõe de pouca informação inicial.

Diante da escassez de modelos para esse tipo de investigação é portanto bem-vinda a publicação ou divulgação recente de cinco pesquisas voltadas para o uso de cocaína e de comportamentos de risco associados aos métodos empregados na administração de drogas ilegais, especialmente por injeção. Essas pesquisas foram realizadas em Paris, Roterdã, Barcelona e Turim entre 1988 e 1992 e apresentam uma gama variada de diferentes maneiras de abordar a questão.

Metodologias e resultados

A pesquisa realizada em Paris utilizou o método etnográfico, ou seja, "privilegiou uma abordagem independente de toda relação institucional: os sujeitos foram encontrados no seu meio natural" (IREP 1992:5). Apesar de privilegiar os aspectos qualitativos na apuração de dados, o relatório apresenta também algumas análises

quantitativas, embora advirta que estas devem ser vistas como indicações de tendências e não como resultados definitivos. O relatório reconhece que o tamanho da amostra final ($N = 103$) não permite que seja tomado como representativo dos usuários de cocaína em geral. Mas enfatiza que a amostra foi constituída com base em investigações aprofundadas, realizadas em meios sociais muito diversos, segundo o método da “bola de neve”.

Buscavam-se respostas a questões como:

1. Quem são os consumidores de cocaína?
2. Quais os problemas de saúde ocasionados por esse consumo?
3. Quais as tendências atuais desse consumo?

Uma das principais dificuldades enfrentadas foi com o estabelecimento de contato com usuários de cocaína, uma vez que esses são pouco visíveis e muito mais difíceis de reconhecer do que os heroinômanos, por exemplo. Assim como outros consumidores de drogas ilegais, os usuários de cocaína nem sempre se dispõem a falar sobre suas práticas. Sua inserção social, que é geralmente boa, os torna ainda mais relutantes a serem identificados como tais. Portanto, o trabalho de campo requeria uma abordagem lenta e aberta a negociações para lograr o estabelecimento de relações de confiança.

O método utilizado foi o chamado de “bola de neve”, em que a cada sujeito encontrado se pedia que apresentasse um ou mais sujeitos que qualificassem para o estudo (um consumo de cocaína caracterizado por episódios ocasionais de uso intensivo durante o ano anterior). Os pesquisadores foram instruídos para aproveitar todos os encontros que permitissem um bom conhecimento de determinada rede social.

Foi também aplicado um questionário de quatro páginas visando obter:

1. Informações sócio-demográficas a respeito do entrevistado como: idade, nacionalidade, sexo, estado civil, tipo de domicílio, nível educacional, situação familiar e profissional. Também perguntava-se sobre o estado civil, a nacionalidade e a situação profissional dos pais;
2. Dados sobre o consumo de cocaína e de produtos associados a ela (frequência, quantidade, modo de consumo), a maneira de aquisição da cocaína, seu preço e quantidade;
3. Dados sobre problemas profissionais e de saúde relaciona-

dos ao consumo de drogas, episódios de prisão, as motivações do sujeito para consumir cocaína, o número de pessoas que se utilizam da substância no seu círculo de amizades, e os problemas que essas pessoas têm em relação ao seu uso de cocaína, à sua saúde, profissão, polícia, justiça e família.

Além desse questionário, grande ênfase foi dada a:

1. Informações qualitativas provenientes de observações diretas do campo;

2. Declarações que ocorreram durante conversas informais antes e depois da aplicação do questionário;

3. Entrevistas e conversas com sujeitos a quem não foi aplicado o questionário.

Participavam do estudo três pesquisadores de campo, cada um com um perfil diferente que lhes dava entrada em distintos meios consumidores de cocaína. Um deles, cantor de *rock*, ex-usuário de heroína e usuário ocasional de cocaína, tinha fácil acesso aos frequentadores dos meios musicais e profissionais de espetáculos. Outra, antropóloga experiente, conhecia bem os meios considerados "descolados" (*branchés*) e universitários. Finalmente, um último, consumidor de heroína de longa data e com experiência prévia de pesquisa, conhecia bem as redes de tráfico de drogas em certos bairros de Paris e tinha acesso a toxicômanos que consumiam essencialmente ou exclusivamente cocaína.

As populações contatadas por cada um foram consideradas significativamente diferentes, em idade, nível educacional e inserção social. Outras diferenças notáveis foram detectadas especialmente com referência às motivações para o consumo e relações com a polícia ou o judiciário.

Os dados obtidos são discutidos com a utilização de algumas tabelas mas sem qualquer tratamento estatístico. Em resumo, as tendências detectadas para o consumo de cocaína em Paris são as seguintes:

1. Uma maior disponibilidade da cocaína sob a forma de cloridrato e *crack*;

2. Uma diversificação das redes e dos locais de venda;

3. Uma diversificação de formas de utilização e associação com outros produtos (especialmente entre usuários de heroína), e a associação de dois ou três modos de utilização;

4. Uma extensão do consumo de cocaína em direção a novos grupos sociais menos privilegiados socialmente. Mas, em geral, a

população que consome cocaína, sem ser na forma de *crack*, tende a ter boa inserção social e é bastante diferente da população que consome heroína. Dito isso, é necessário ressaltar que foi constatado um aumento brutal no consumo de cocaína pelos toxicômanos usuários de heroína.

Aproximadamente no mesmo período em que se efetuou o estudo parisiense foi realizada uma pesquisa conjunta sobre o mesmo tema nas cidades de Roterdã, Barcelona e Turim contando com a participação e o patrocínio dos governos municipais das três cidades e da Comissão Européia. A realização da pesquisa em si ficou a cargo da Fundação Intraval, uma agência de Roterdã especializada em pesquisas em ciências sociais e consultoria, o Laboratório de Sociologia de L'ICESB em Barcelona e a agência central coordenadora de intervenções junto aos drogadependentes da Unidade Municipal de Saúde de Turim. Buscou-se a formação de equipes multidisciplinares incluindo políticos locais, planejadores de políticas públicas e cientistas independentes. Dessa maneira, procurava-se assegurar a relevância política dos trabalhos dos cientistas e a certeza de um resultado prático e tangível para os investimentos patrocinados pelos órgãos públicos.

A questão básica a nortear as pesquisas foi formulada do seguinte modo: "Qual a natureza e a extensão do uso de cocaína em Roterdã, Barcelona e Turim?" Tal questão pode ser desmembrada em três áreas menores a serem estudadas:

1. A natureza do uso de cocaína: relações do usuário com a droga, categorias sociais dos usuários, relações com comportamento desviante ou criminoso;
2. A extensão e a distribuição do uso de cocaína;
3. Possibilidades de prevenção e intervenção.

Foram entrevistados em profundidade 363 usuários de cocaína das três cidades. Além disso, o emprego de uma técnica inovadora consistindo de uma síntese de amostragens "bola de neve" e "direcionada" (*targeted*), assim como a análise de redes (*network analysis*) permitiu a coleta de dados sobre outros 1.635 usuários de cocaína que eram os contatos dos usuários entrevistados. As três cidades utilizaram o mesmo esquema básico de pesquisa utilizando trabalho de campo, amostragem por "bola de neve" e "direcionada", análise de redes e construção tipológica. O trabalho de campo serviu para estabelecer um conhecimento básico dos circuitos e ambientes frequentados pela população-alvo. Serviu também para possibilitar o

recrutamento de entrevistados, e para estabelecer relações de confiança entre os pesquisadores e os sujeitos do estudo, necessários para a realização das entrevistas em profundidade.

Além de trabalho de campo, recorreu-se também a contatos com diferentes instituições tais como centros de atendimento a drogadependentes, organizações com trabalhos voltados para a juventude e prisões. Em Barcelona e Turim foram também utilizadas as redes pessoais dos pesquisadores e entrevistadores, e em Roterdã recorreu-se ainda à publicação de anúncios na imprensa. O trabalho de campo serviu também para obter informação suplementar sobre o mundo dos usuários, dando-se atenção especial às maneiras de obter e utilizar a cocaína, assim como às estruturas de oportunidade, incluindo a observação dos locais onde se usava e se traficava cocaína em pequenas quantidades. Esse trabalho permitiu, além disso, a aferição da confiabilidade das informações dadas por entrevistados e informantes-chave (Bieleman et al., 1993:50).

Embora os aspectos qualitativos da pesquisa fossem eleitos como os principais, os autores preferiram recorrer também a métodos mais quantitativos para obter informações sobre a extensão do uso de cocaína nas três cidades e para se assegurarem da validade de suas generalizações. Portanto, combinou-se o princípio de “amostragem direcionada” ao método “bola de neve” para melhorar a representatividade da amostra. Neste método buscam-se entrevistados que se acredita formarem um segmento representativo da população. A adoção desse método significou que, ao contrário do que ocorreu no estudo parisiense, somente uma parte dos usuários contatados foram entrevistados. No decorrer da pesquisa a informação obtida foi analisada e utilizada para modificar o desenho da amostra ao surgirem indícios de novos grupos sociais de usuários e novas formas de uso. Outra diferença em relação à pesquisa parisiense foi o número muito maior de pesquisadores de campo empregados (dezoito para Barcelona, cinco para Roterdã e seis para Turim), além de melhor retaguarda técnica e estatística. Isso possibilitou um direcionamento inicial para um número maior de categorias sociais onde buscar amostras de usuários (cinco para Barcelona, oito para Roterdã e cinco para Turim).

A entrevista consistia em um questionário com duas partes: uma qualitativa e outra quantitativa. A parte quantitativa se resumia a uma lista de itens utilizada para propiciar narrativas que refletissem a percepção dos entrevistados, especialmente quanto aos aspectos

e ocorrências definidores dos contextos e significados da relação dos entrevistado com a cocaína. Os tópicos da sessão qualitativa compreendiam: *background* sócio-econômico, estilo de vida, primeiras experiências com álcool e drogas, carreira enquanto usuário de cocaína, ambiente de uso, função da cocaína, seu efeito, suas conseqüências, renda/salário, ofensas criminais, relação com centros de atendimento a usuários de drogas. Convidava-se também o entrevistado a sugerir outros temas que julgasse importantes. As entrevistas eram gravadas ou anotadas a mão, e mais tarde processadas e organizadas. Alguns itens específicos foram quantificados e analisados estatisticamente.

A parte quantitativa consistia em um questionário fechado de múltipla escolha. Tratava da rede social do entrevistado, ou seja, usuários de cocaína conhecidos seus, e tinha dois grupos de perguntas. Uma consistia em sete questões para identificar os outros usuários nomeados (mas mantendo sigilo de suas identidades). O segundo abrangia dezessete aspectos de informação sobre o momento, suas relações com o entrevistado e seu uso de cocaína. As respostas a essa parte eram codificadas durante a entrevista e depois processadas com o auxílio de um computador. Mais informação foi obtida com base em relatórios de trabalho de campo, organizados com auxílio de um processador de texto.

Fundando-se em dados qualitativos construiu-se uma tipologia de estilos de vida ligados ao uso de cocaína. Dela se pôde avaliar o significado da cocaína na vida dos indivíduos, como a usavam e em que quantidade. Levando tudo isso em consideração, constatou-se a existência de grande variedade nos estilos de vida. Essas variações podem ser agrupadas em duas categorias maiores nas quais a percepção e o uso da heroína são um fator importante.

Uma categoria (o tipo poliusuário) faz parte da subcultura da heroína e mostra um aumento de problemas ao incluir a cocaína no seu repertório de drogas usadas. Estes se tornam especialmente graves quando a heroína é substituída pelo uso intravenoso ou fumado de cocaína.

Mas a categoria com população maior é a segunda, a dos que não usam heroína. Estes demonstram grande variedade no significado atribuído à cocaína e nos problemas decorrentes do seu uso. Podem ser agrupados em três tipos:

1. *O de uso de lazer*: bem integrados na sociedade, somente utilizam em momentos de lazer. Utilizam também álcool, tabaco

e *cannabis*. Raramente apresentam problemas relacionados ao uso de cocaína;

2. *O de uso instrumental*: além de usar em momentos de lazer também utilizam a cocaína como fonte de energia no trabalho e em outras situações. Podem apresentar problemas físicos, psicológicos ou econômicos em decorrência. Mas a maioria é capaz de resolver tais dificuldades sem o auxílio de terceiros;

3. *O cocainista*: uma pequena minoria com sérios problemas decorrentes do fato de a cocaína ter-se tornado o elemento central de suas vidas.

Resumindo os resultados, constata-se que o uso intranasal de cocaína é o mais comum e causa poucos problemas. O uso compulsivo e problemático da cocaína é mais associado ao consumo intravenoso da heroína e ao fumar a droga (*free basing*). Mesmo os que não usam heroína apresentam sérios problemas se utilizam o *free basing* como principal forma de consumo de cocaína (Bieleman et al., 1993:142 e 143)

Outro método utilizado para ajudar a construir as amostras foi baseado na análise de redes (*network analysis*). Isso ajudou na localização de entrevistados e para obter informação de certos aspectos importantes das redes dos usuários de cocaína. Esses dados foram importantes na estimativa do tamanho das populações usuárias. Essas análises de redes de contato confirmaram certos achados qualitativos. A disseminação do uso de cocaína é de natureza bem aberta. As relações sociais entre usuários não são caracterizadas em geral por esse uso. As relações são baseadas em variáveis como idade, amizade, circuito freqüentado e uso de heroína.

A prevalência de uso estimada para Roterdã era de 12.000 pessoas (2% da população). Para Barcelona o número calculado foi entre 12.000 e 15.000 (0,7% a 0,9% da população). Em Turim, não foi possível aplicar o método de estimativa de prevalência utilizado nas outras duas cidades (Bieleman, 1993:145).

Outro estudo importante tanto por seu procedimento metodológico quanto por seus resultados e elaboração teórica é o realizado por Jean-Paul C. Grund para sua tese de doutorado. Contando com recursos limitados e com o auxílio de um único outro pesquisador de campo (um pós-usuário e respeitado agente comunitário), ele se propôs a realizar uma pesquisa etnográfica sobre os comportamentos relacionados ao consumo de drogas por usuários de heroína e cocaína em Roterdã. Seu objetivo principal era

levantar dados e hipóteses a respeito de: comportamentos ritualizados relacionados ao consumo de heroína e cocaína; padrões, significados, funções e possíveis implicações sanitárias desses rituais, tendo como base descrições do comportamento cotidiano de usuários ativos (Grund, 1993:36).

Partindo de uma abordagem bastante influenciada pelo trabalho do médico americano Norman Zinberg (1984), Grund aprofundou a noção do uso de drogas enquanto ritual social e desenvolveu um pouco mais a teoria zinbergiana da influência dos controles sociais sobre o uso de psicoativos.

Inicia sua tese com uma discussão do conceito de ritual tal como ele vem sendo utilizado pela antropologia e outras ciências sociais. Depois de demonstrar como o conceito pode ser utilizado em contextos não religiosos, oferece uma definição do termo:

“Rituais são seqüências comportamentais estereotipadas dotadas de um significado simbólico que, no entanto, nem sempre se encontra presente de maneira expressa ou consciente. Além disso, podem existir consideráveis diferenças individuais entre atores quanto à validação do significado simbólico” (Grund, 1993: 13).

Depois de definir a função de um elemento cultural como sendo “o efeito de sua execução ou não execução sobre determinado meio cultural”, Grund afirma que a função essencial do rito é seu efeito sobre a consciência coletiva, a compreensão que perpetua as normas grupais dirigidas à sobrevivência do grupo ou tribo. Ou seja, o ritual atua como um mecanismo agregador e engendra uma solidariedade social entre seus participantes, os membros do grupo. Acredita-se que tal solidariedade social seja uma pulsão (*drive*) primária do ser humano (Grund, 1993:16).

Outros estudiosos do uso de psicoativos têm chamado a atenção para os seus aspectos rituais. Um dos mais importantes foi Norman Zinberg para quem todos os usuários de drogas ritualizam o seu consumo até certo ponto, e que o uso “controlado” dessas substâncias encontra seu principal respaldo nos rituais subculturais envolvendo essas substâncias e nas sanções culturais (valores e regras). Tanto os usuários “controlados” quanto os “compulsivos” (categorias criadas por Zinberg) têm rituais muito parecidos, mas o que os diferencia são as “sanções sociais” vigentes entre esses grupos. A diferença entre os rituais e as sanções sociais é a do comportamento *versus* crença ou prática *versus* dogma (Zinberg, 1984 *apud* Grund, 1993:19). Certos pesquisadores

exigem que para que um ato seja considerado ritual deva exibir preponderância da ação simbólica sobre a ação técnica. O comportamento exclusivamente técnico ou recreativo muitas vezes não é considerado ritual. Já Zinberg adota posição mais flexível e viola essa tradição duplamente. Ele aplica o termo para o uso de drogas, seja objetivo do usuário a recreação, seja melhoria do desempenho mental ou físico, seja experiência religiosa. Além disso, considera que rituais da droga e sanções sociais incluem tanto elementos racionais quanto não racionais (*apud* Grund, 1993:19).

Outro pesquisador, Agar, mantém que tudo que tiver significado especial para um membro do grupo conta como ritual sagrado. Já Du Toit, ao discutir rituais da *cannabis* na África do Sul, diz:

“o ritual... não é endereçado a nenhum agente, entidade ou força. A satisfação do ato está em seu cumprimento, é um ato que serve para dar unidade, identidade e transição aos participantes. Seu valor está em sua execução” (*apud* Grund, 1993:20).

Portanto, rituais da droga não visam metas sagradas, mas sociais.

Grund contribui para esse debate ao enfatizar a importância da disponibilidade da substância. Com base em considerações a respeito de a via de consumo adotada por heroínômanos (injeção, aspiração etc.) depender da quantidade e da qualidade da substância disponível ele conclui que diferentes níveis de disponibilidade de droga estão associados a diferentes rituais de administração. Para que uma droga seja ritualizada ela deve ser escassa e ter sua importância reconhecida pelo grupo. Substâncias psicoativas que se têm mostrado de importância para o homem através da história, quando colocadas na ilegalidade, tornam-se fortes promotores de ritualização. Esse termo, conforme assinala o autor, implica que o ritual não é uma condição estática, mas sim um processo gradual e dinâmico relacionado à disponibilidade. A ritualização também pode variar segundo condições sociais e fatores idiossincráticos. Entre os membros de um grupo haverá uma diversidade na maneira como um evento é percebido como ritual.

Recorrendo a autores como Durkheim, Becker e Goffman, Grund faz algumas considerações sobre as subculturas das drogas ilegais e chega à seguinte conclusão:

“Quanto mais um grupo desviante (desviante dos comportamentos, normas e valores dominantes) é segregado e pressionado, mais ele se apresentará como um grupo desviante. Os comportamentos, normas e valores mais desviantes serão então enfatizados

e reforçados, resultando então em uma subcultura altamente separada, intradependente e monofocal, cujos integrantes terão muita desconfiança em relação à cultura dominante. Isso implica novamente que a ritualização seja um processo sujeito às reações da cultura dominante” (Grund, 1993:25-6).

Adotando o que chama de “abordagem etnográfica de foco aberto”, Grund e seu assistente se engajaram em uma observação participante intensa das práticas de auto-administração de heroína e cocaína em pontos de venda, em certos locais públicos de Roterdã e na casa dos usuários dessas drogas. A coleta de dados principal ocorreu entre fevereiro de 1988 e maio de 1989, com algumas observações adicionais feitas entre maio de 1989 e dezembro de 1991. Essa metodologia permitiu que os pesquisadores encontrassem dados inesperados tal como a prática chamada de *front loading*,¹ uma importante via de infecções, especialmente pelo HIV, entre usuários de drogas injetáveis.

Deu-se prioridade ao estudo de comportamentos de auto-administração da droga (a sua preparação e consumo, o uso de parafarmácia, ordens/seqüências, lugares, meios sociais, horários), e só secundariamente às características demográficas dos usuários. As observações foram estruturadas utilizando um protocolo observacional de elementos endógenos e exógenos dos rituais observados. Elas foram realizadas durante os próprios episódios de uso. Algumas vezes o uso era feito com o observador sentado a poucos metros do usuário. As interações verbais nesses momentos variavam entre a discussão de generalidades e a discussão do uso da droga em si. As perguntas não eram percebidas como intrusivas, mas se evitava a tomada de notas diante dos sujeitos. Tampouco foram realizadas entrevistas em profundidade. Quando possível buscava-se informação suplementar em conversas informais. Foram feitas descrições detalhadas de 95 rituais envolvendo fumar, injetar e aspirar a droga.

Buscou-se alguma quantificação pela contagem dos eventos sig-

¹ N.E. – Trata-se da divisão de uma mesma dose de droga por meio da utilização de uma seringa comum, que não necessariamente é compartilhada no momento da injeção. Maiores detalhes dos riscos implicados por essas práticas na difusão do HIV entre usuários podem ser encontrados em Jose, B. et al.: Syringe-mediated Drug-sharing (Backloading): a New Risk Factor for HIV among Injecting Drug Users. *AIDS* 7(12):1653-60, 1993.

nificativos e com base na informação existente sobre características demográficas dos sujeitos. Esses dados foram usados para reforçar a análise qualitativa, mas não foram concebidos como representativos de todos os usuários de drogas de Roterdã. Foi também realizado um pequeno *survey* dos usuários frequentadores da Estação Central (conhecido ponto de reunião de toxicômanos) e 61 entrevistas foram feitas aí, versando sobre condições de moradia, *status* social, emprego, uso de drogas e tempo passado naquele local. Também foram utilizados dados coletados pelo Sistema de Informação sobre Drogas de Roterdã (RODIS). Essas informações suplementares foram utilizadas para testar a validade de certas interpretações. Apesar de lacunas nos dados demográficos recolhidos e de certos "vieses" na amostragem, Grund conclui que se pode considerar que a amostra estudada é representativa da população envolvida com uso regular de heroína e cocaína naquela cidade.

Os conhecimentos obtidos com essa pesquisa são muito enriquecedores para o debate a respeito do uso de drogas, e, em especial, para a prevenção à AIDS entre essa população. Constatou-se, por exemplo, que os rituais de uso são altamente funcionais ao processo de "ficar de barato". São geralmente estáveis e raramente se verificou a transição entre aspirar a fumaça (*chasing the dragon*) e injetar. Quando ocorrem transições elas estão associadas à disponibilidade da substância, à perda ou conquista de autocontrole em relação ao uso de drogas, pressão social ou motivos hedonistas. Tanto os rituais de fumar como de injetar preenchem funções instrumentais importantes como maximizar o efeito obtido de determinada dose, controlar o nível de uso, lidar com os efeitos positivos ou negativos e prevenir problemas secundários.

Esses rituais também demonstram elementos de elaboração simbólica. A construção e o uso de certos equipamentos, certos aspectos do ritual, a ordem de sua seqüência podem ter um poder além de sua funcionalidade instrumental, podendo, por exemplo, sinalizar o início de uma seqüência ritual ("ficar de barato"), acentuar a experiência do efeito da droga e reduzir a ansiedade. A elaboração simbólica parece mais forte entre os que se injetam.

As funções sociais desses rituais são mais evidentes no constante compartilhar de drogas. O compartilhar tem também funções instrumentais, como por exemplo evitar a síndrome de abstinência. Mas, além disso, é um fator importante da socialização, estabelecendo e reforçando relações interpessoais e contribuindo para a manutenção

da rede/subcultura. O ritual de compartilhar drogas é governado por diversas regras, como as que exigem sua reciprocidade.

Quanto às questões versando mais diretamente sobre a saúde dos usuários constatou-se que fumar ou aspirar fumaça (*chasing the dragon*) comporta menos riscos que injetar. Técnicas de compartilhar a droga consumida, mesmo quando não há o compartilhamento propriamente dito das seringas e agulhas (tais como *frontloading* e *backloading*), podem transmitir o HIV e outras infecções, quando não são utilizadas agulhas e seringas esterilizadas. Na Holanda, o *frontloading* talvez seja uma das principais rotas de infecção. Em geral, as situações de compartilhar da droga apresentam muitas possibilidades de contaminação. O compartilhar de agulhas e seringas tem como determinante principal a disponibilidade estrutural ou situacional desses equipamentos, mas a “fissura” e a falta de experiência com o ritual de injetar são fatores adicionais importantes. Devido à falta de conhecimento do seu risco de contaminação, outros materiais para o preparo da injeção (p. ex., colheres, filtros etc.) são frequentemente compartilhados de forma descuidada (Grund, 1993:303-4).

Outra constatação importante de Grund foi que, em Roterdã, o compartilhar de agulhas e seringas não pode ser classificado como ritual e nunca foi observado enquanto uma seqüência pré-planejada. Quando ocorria, era devido a fatores circunstanciais como a falta de seringas não usadas, inexperiência com o ritual de injeção ou “fissura” pela droga. Em todas as vezes em que esse compartilhar foi observado, os sujeitos se mostraram conscientes dos riscos que corriam, os quais tentavam minimizar através de uma (nem sempre muito eficaz) limpeza dos apetrechos. Grund enfatiza a falta de uma elaboração simbólica para esse ato quando tal equipamento é facilmente acessível e contesta o argumento utilizado por opositores de serviços de troca ou distribuição de agulhas e seringas, que dizem que esse comportamento é difícil de mudar devido ao seu valor ritual. Segundo o autor, mesmo na ausência de uma política liberal como a holandesa, os usuários de drogas injetáveis em outros países da Europa e nos Estados Unidos vêm apresentando maior conscientização a respeito dos riscos à saúde, e uma preocupação em usar drogas de forma mais segura e responsável.

Finalizando sua tese, Grund elabora a teoria de Norman Zimberg sobre a auto-regulação do uso de drogas. Ele constata que usuários de heroína/cocaína que são bem-sucedidos como trafi-

cantes dessas drogas apresentam muito menos problemas em relação ao seu uso, pois são mais capazes de regulá-lo. Grund explica isso lembrando que esses indivíduos têm bastante droga à disposição. Isso evita que a obtenção da substância se torne idéia fixa para eles, e permite a formação e a colocação em movimento de rituais e regras reguladores, o que também ajuda a reforçar a estrutura de vida necessária para a execução de suas atividades ligadas ao tráfico, que geram os recursos necessários para manter a droga disponível. A partir daí ele formula a seguinte hipótese:

“A disponibilidade da droga, rituais e regras, e estruturação de vida constituem uma trindade – fatores interativos num processo circular, internamente coerente, em que esses fatores são por sua vez modulados (modificados, corrigidos, reforçados etc.) pelos seus resultados. É portanto um circuito auto-alimentado (*feedback circuit*) que determina a força dos processos de auto-regulamentação que controlam o uso de drogas” (Grund, 1993:300-1).

Partindo dessa formulação, ele compara o impacto de políticas de controle do uso de drogas proibicionistas ou liberalizantes. Conclui que enquanto o proibicionismo interfere com os processos naturais de auto-regulação de uso, a liberalização não pode ser vista como uma solução instantânea, mas somente como condição de possibilidade de instauração de outras políticas de controle das drogas, que facilitem os processos naturais de auto-regulamentação do uso sem recorrer à sua criminalização.

Notas finais

As cinco pesquisas resenhadas acima sugerem várias considerações sobre o estudo dos usuários de drogas. Em primeiro lugar, todas elas, em diferentes graus, fornecem dados significativos para melhor entendimento da questão mostrando que, numa abordagem interdisciplinar do tema, a etnografia é mais que uma primeira etapa exploratória do campo, apta a levantar hipóteses a serem posteriormente testadas “cientificamente” através de “medições objetivas”. Sua inserção no campo permitiu visão mais complexa das questões pesquisadas, inacessível a estudos exclusivamente quantitativos. Além disso, não se deve pensar nesses métodos como excludentes um do outro. Como mostram pesquisas realizadas conjuntamente nas três cidades européias, estudos qualitativos também

podem ser adaptados às necessidades da epidemiologia sem perder força e enriquecendo amplamente a compreensão e avaliação dos dados numéricos produzidos por métodos quantitativos.

Atualmente conhece-se muito pouco sobre as especificidades do uso de drogas no Brasil. Mesmo entre os estudos quantitativos que buscam estabelecer a prevalência de uso de drogas ilícitas aqui, poucos são os que preenchem os padrões mínimos (ver Almeida Filho et al., 1990). Quanto às abordagens etnográficas do uso de drogas ainda se está em uma situação bastante incipiente, conhecendo-se só quatro trabalhos pioneiros. Um de autoria de G. Velho (1975), lida com o uso que se poderia chamar de “não problemático” de maconha e cocaína entre as camadas médias do Rio de Janeiro da década de 70. Outro de autoria de E. MacRae e J. Simões (1989) também é direcionado ao uso “não marginal” de maconha entre as camadas médias urbanas de São Paulo e Salvador. Somente dois estão dirigidos especificamente à questão das drogas injetáveis: o de autoria de Lima (1990) trata de usuários de Alfacan em Recife ainda na época pré-AIDS e outro, mais recente, realizado por O. Fernandez (1993), em São Paulo estuda poliusuários e o impacto da AIDS entre eles.

Dados etnográficos provenientes de uma cultura não podem ser automaticamente generalizados para outras. As pesquisas realizadas no Brasil apontam para particularidades do uso de drogas entre nós que merecem maior estudo, dada sua importância para a elaboração de políticas públicas visando diminuir os danos causados por essas práticas. Fernandez, p.ex., encontra entre seus usuários paulistas uma maior ênfase na ritualização do compartilhar de agulhas e seringas do que Grund detectou em Roterdã.

Das pesquisas europeias resenhadas acima, aprende-se que existem diversos modos de encarar os desafios da etnografia. O estudo conjunto de Roterdã, Barcelona e Turim contou com um amplo financiamento dificilmente disponível no Brasil, mas outras abordagens mais modestas como a de Paris e a realizada por Grund podem ser tomadas como modelos viáveis de pesquisas a serem reproduzidos aqui e capazes de gerar grandes quantidades de dados, especialmente úteis à prevenção da AIDS entre usuários de drogas injetáveis e seus parceiros/as sexuais. Além disso, uma compreensão mais detalhada das variáveis sociais que influem nessas práticas pode subsidiar políticas públicas direcionadas a evitar que os outros efeitos negativos do uso massivo de drogas venham a adquirir as

proporções atingidas nos Estados Unidos ou em certos países europeus. O exemplo retratado pelos estudos realizados, em Roterdã principalmente, mostram que essa tarefa é exequível quando os responsáveis pelas políticas públicas adotam abordagens caracterizadas pela flexibilidade, pelo diálogo e pelo real conhecimento da população-alvo.

Bibliografia

- ALMEIDA F.^o, N.; SANTANA, V. S. S.; PINTO, I. M., CARVALHO NETO, J. A. Is There an Epidemic of Drug Misuse in Brazil? A Review of the Epidemiologic Evidence (1977-1988). *The Int. J. of Addictions* 26(3):355-69, 1991.
- BIELEMAN, B; DÍAZ, A, MERLO, G., KAPLAN, Ch. D. (eds.). *Lines Accross Europe – Nature and Extent of Cocaine Use in Barcelona, Rotterdam and Turin*. Amsterdam: Swets and Zeitlinger, 1993.
- DIAZ, A; BARRUTI, M.; DONCEL, C. *The Lines of Success – A Study in the Nature and Extent of Cocaine Use in Barcelona*. Barcelona: Laboratori de Sociologia ICESB/Ajuntament de Barcelona, 1992.
- FERNANDEZ, O. F. R. L. *A epidemia clandestina: AIDS e o uso de drogas endovenosas em São Paulo*. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais, PUC/São Paulo. 138 p. mimeo, 1993.
- GRUND, J.-P. C. *Drug Use as a Social Ritual – Functionality, Symbolism and Determinants of Self-Regulation*. Roterdã: Insitut voor Vershavingsonderzoek (IVO) Erasmus Universiteit, 1993.
- INTRAVAL. *Between the Lines – A Study of the Nature and Extent of Cocaine Use in Rotterdam*. Groningen e Roterdã: Intraval, 1992.
- IREP. *Approache Ethnographique de la Consommation de Cocaine à Paris*. Paris: Institut de Recherche en Epidemiologie de la Pharmacodépendance, 1992.
- LIMA, J. C. R. *Passageiros da fantasia*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Ed. Massangana, 1990.
- MacRAE, E. & SIMÕES, J. A. Investigações sobre o uso habitual e controlado da maconha entre camadas médias urbanas. São Paulo: Instituto de Medicina Social e de Criminologia de São Paulo. 162 p. mimeo, 1989.
- VELHO, G. Nobres e anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia. Tese de doutorado em Antropologia Social, Museu Nacional/UFRJ. 168 p. mimeo, 1975.
- ZINBERG, N. E. *Drug, set and setting: the basis for controlled intoxicant use*. New Haven: Yale University Press, 1984.